

<>

Começar a acabar,
de Samuel Beckett,
enc. João Lagarto,
ACE – Teatro do Bolhão/
TNDMII/ Os Crónicos,
2007 (João Lagarto),
fot. TNDMII / Margarida
Dias.

João Lagarto

Cativante e imprevisível na interpretação de Beckett

Rui Pina Coelho

O espectáculo *Beginning to End* partia de uma colagem de vários textos de Samuel Beckett arquitectada pelo actor irlandês Jack MacGowran (1918-1973), muitas vezes tido como o mais exemplar intérprete beckettiano. Ainda com o título de *End of Day* (e sem qualquer intervenção autoral de Beckett), a peça é estreada a 5 de Outubro de 1962 no Gaiety Theatre, em Dublin, integrada no Dublin Theatre Festival, e reposta no New Arts Theatre, em Londres, a 16 de Outubro desse mesmo ano. Esta *one-man-performance* de MacGowran é mais tarde revista e fixada pelo próprio dramaturgo, titulada *Beginning to End* e transmitida em estreia pela BBC1, no programa *Monitor* a 23 de Fevereiro de 1965. É depois gravada para a etiqueta Claddagh Records (com o título *MacGowran Speaking Beckett*), nos Pye Studios, em Londres e sobre esta gravação escreve James Knowlson: "Alicerçado na minuciosa estrutura frásica e nos ritmos de Beckett, MacGowran estava em esplêndida forma e realizou uma excepcional gravação" (Knowlson 1996: 479, tradução minha). A versão de palco desta nova colagem revelou-se um êxito, sendo apresentada em Paris, no Théâtre Edouard VII, em Abril de 1970 (contando-se entre os espectadores Salvador Dalí, o Embaixador Irlandês, James Mason, os Rosthchilds, etc...), nos Estados Unidos da América, em 1970 (onde MacGowran recebe um *Obie Award* e uma placa de ouro do *New York Critic's Circle*) e na Alemanha, integrado no Festival de Berlim, no Schiller Theatre, em Setembro de 1971. Sendo conhecida a habitual pouca flexibilidade de

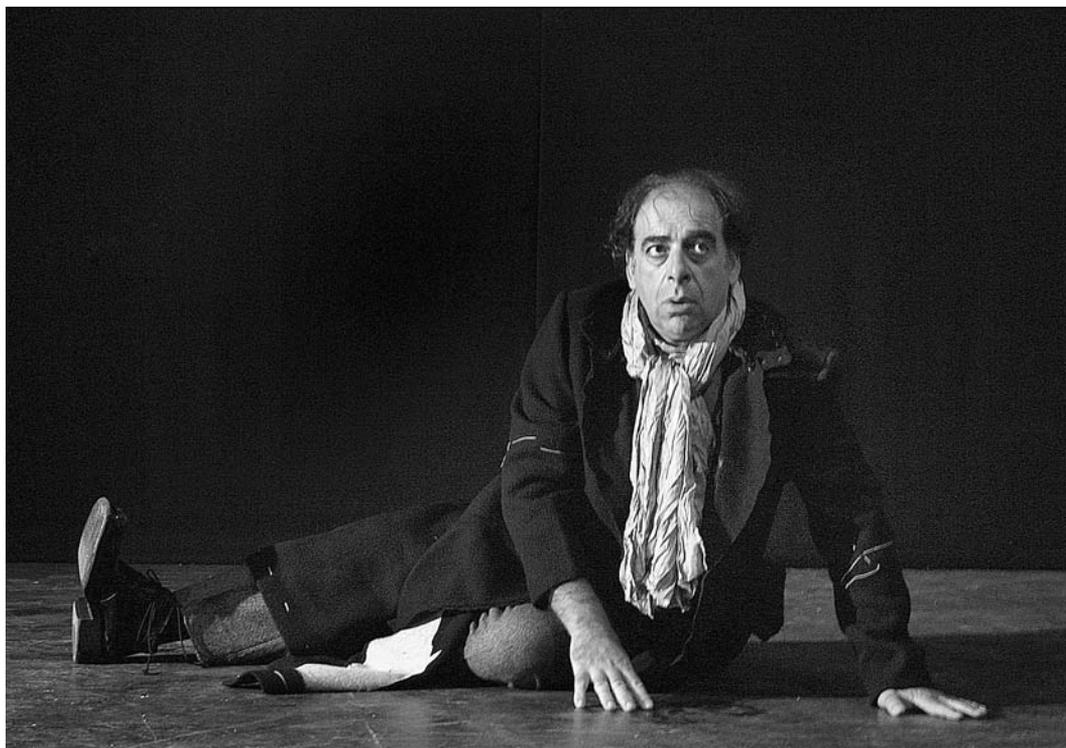
Beckett para com os actores, o dramaturgo terá aqui mostrado alguma indulgência para com as liberdades artísticas de MacGowran. Escreve Anthony Cronin:

Beckett foi estranhamente indulgente para com este espectáculo, que, afinal de contas, era uma amálgama de distintos trabalhos, criando a impressão de que não haveria fronteiras entre eles; de que todos teriam uma simples linha narrativa autobiográfica; e de que todas as variadas projecções do "Eu" poderiam ser interpretadas como uma só. Ele foi também estranhamente indulgente para com as liberdades que certamente saberia que Jackie tomaria após a aprovação do texto, uma vez fora do alcance do autor. (Cronin 1997: 525-526, t. m.)

Mas tais liberdades talvez se deixem sumariamente explicar pela análise que Martin Esslin faz das interpretações de Jack MacGowran das figuras beckettianas: "Se alguma vez existiu a perfeita congruência entre a imaginação de um grande poeta e um actor, foi aqui..." (Esslin 1968: 42, t.m.)

Não obstante toda esta pesada herança histórica, pela carga emotiva, racional e criativa com que João Lagarto pautou todo o jogo interpretativo do seu *Começar a acabar*, a primeira pessoa que ouvimos ao longo do espectáculo nunca é a de Jack MacGowran, nem a de Samuel Beckett, nem tão pouco a das várias figuras evocadas, mas sempre a do actor português – e este era o risco mais visível do projecto, superado com eficácia maior pelo intérprete.

>
Começar a acabar,
 de Samuel Beckett,
 enc. João Lagarto,
 ACE – Teatro do Bolhão/
 TNDMII/ Os Crónicos,
 2007 (João Lagarto),
 fot. TNDMII / Margarida
 Dias.



Começar a acabar é, de facto, e antes de mais, um projecto pautado por uma intensa e generosa marca pessoal. Além de interpretar, João Lagarto traduziu e encenou o texto, constituindo-se este como um premeditado desafio às suas capacidades interpretativas e um exemplar momento de maturidade cénica. Foi contudo um processo longo: tiveram que passar três anos desde o momento em que João Lagarto descobriu a existência do texto para depois, em Nova Iorque, encontrar um dos raros 300 exemplares da edição de 1967/68 (*Samuel Beckett's Beginning to End* da Gotham Book Mart e Oliphant Press) e o vir estreitar à Sala Estúdio do T.N.D.M.II¹. Mas, tal como o actor afirmou nas suas palavras de agradecimento aquando da cerimónia de entrega dos Prémios da APCT este não foi, como é óbvio, um trabalho exclusivamente individual. Para a excelência do espectáculo muito contribuíram a realização plástica de Ana Teresa Castelo, a música de Jorge Palma e o desenho de luz de José Carlos Gomes.

Depois da aplaudida interpretação de Hamm em *Endgame* (Teatro Meridional, 2003/4) e da criação da peça radiofónica *Samuel Beckett: Ensaios para a rádio* (Os Crónicos, 2006)², esta foi mais uma aproximação ao particular universo deste dramaturgo irlandês. Aqui, um homem vestido como um vagabundo ou um mendigo vem a palco para contar quadros da sua vida, derivando de assunto para assunto, enquanto espera a sua própria morte – aliás, a única certeza que atravessa a sua narrativa é a de que a morte em breve o alcançará. Ainda que este mendigo manifeste algum desejo de manter uma coerência narrativa, clara e linear (recorre frequentemente a expressões como "onde é que eu ia?" ou "onde é que estava?"), ele deixa-se sistematicamente sucumbir às derivas de um improvável jogo de associações livres (consequência óbvia da natureza rapsódica da matriz textual de *Beginning to End*). Vai evocando momentos do passado, lembrando-se da mãe, de um cavalo branco, da escola, do olhar que um cantoneiro

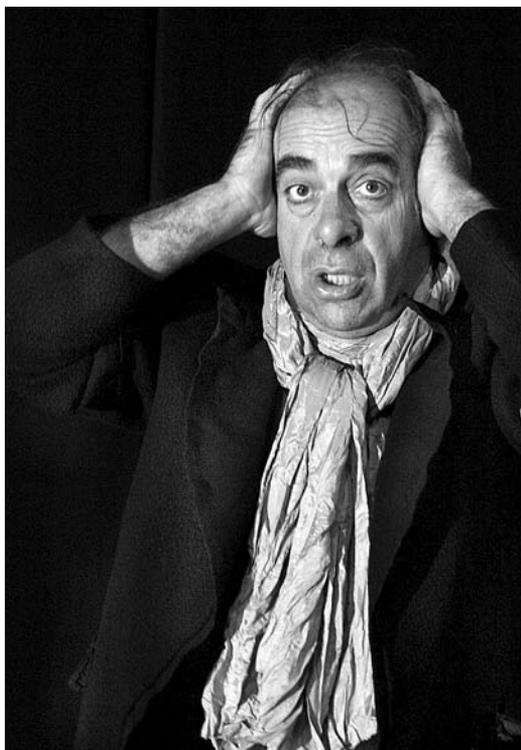
lhe lançou, dos sítios por onde deambulou, dos seus pequenos passatempos... – havendo ainda espaço para o inquietante monólogo de Lucky (de *À espera de Godot*). O tom é de um humor cáustico, terno e humano, mascarado com um desprendimento doloroso: é uma figura que, alegadamente, nunca foi feliz, mas que, enquanto espera, está disposta a rir de si própria. Algumas das habituais marcas beckettianas estão aqui sobejamente patentes: a auto-ironia sem complacência, a derrisão da linguagem, o vazio existencial, a paragem no tempo, as permanentes maleitas físicas (a tosse, a dor de garganta...). E, na encenação de João Lagarto, todas elas são dramaturgicamente sinalizadas e geridas com clareza e intenção precisa.

Dominando com mestria as margens e o âmago da dramaturgia de Beckett, o actor respondeu habilmente ao desafio maior que este texto colocava: intuir nas figuras da narrativa e da lírica deste particular autor a mesma exigência de teatralidade e de figuração cénica que as da sua dramaturgia. Apesar de lá encontrarmos vozes dramáticas, tais como a de Krapp (*A última gravação de Krapp*), Lucky e Vladimir (*À espera de Godot*), Clov e Hamm (*Fim de partida*), bem como vozes provenientes dos textos narrativos (*Molloy*, *Watt*, *Malone está a morrer* e *O inominável*), e de textos poéticos, o actor encontrou no conjunto uma coerência dramática e uma força invulgar.

João Lagarto compôs um solo tragicómico, vibrátil e intenso, em que revelou uma extensa e rica gama de recursos expressivos. A sua interpretação acompanhava e modelava o texto e o público: com olhos de actor de feira, acompanhava e recuperava a atenção dos espectadores; com a sageza de um contador de histórias, encontrava respirações, silêncios e tempos certos; com corpo de actor, encontrava a unidade necessária nas diferentes figuras que lhe alimentavam a voz. Representando com o rigor de um intérprete musical e obedecendo a uma partitura rigorosa, permitia-se contudo, aqui e ali, breves variações sobre a estrutura encontrada, fazendo

¹ *Começar a acabar* estreou a 15 de Setembro de 2006, numa coprodução da A.C.E. – Academia Contemporânea do Espectáculo/Teatro do Bolhão, T.N.D.M.II e Os Crónicos – Associação Cultural, grupo que João Lagarto fundou juntamente com Gonçalo Waddington, Carla Maciel, Afonso Lagarto, Vallerie Braddell e Fernando Mota.

² Apresentada no Centro Cultural Olga Cadaval (Sintra) e transmitida em directo para a Antena 2 na cerimónia de abertura do Teatro Maria Matos, a 27 de Março de 2006.



do seu *Começar a acabar* um espectáculo com um ritmo jazzy e fascinante porque irregular, cativante porque imprevisível e tocante porque imediato – acontecia precisamente ali, absolutamente dependente da relação entre o intérprete e o público (ou pelo menos, criando essa impressão). Burlesco e comunicativo, tenso e contido, pícaro e poético – e sempre inquietante e perturbador – Lagarto criou uma partitura simultaneamente divertida e comovente. Estes diferentes registos vão sendo modelados sem mudanças fortuitas ou abruptas, o que contribui para a coerência geral do trabalho. Assim, há momentos de grande intenção comunicativa e relação cúmplice com os espectadores; momentos de maior gravidade e contenção (como na primeira canção “O meu caminho é na areia que desliza”³); momentos de um humor mais físico (como na cena onde o mendigo rememora um dos seus “pequenos passatempos”, chupando seixos encontrados na praia, guardando-os depois, rotativamente, nos seus vários bolsos); ou momentos de uma mais evidente propensão teatral (como no sempre inquietante discurso de Lucky, aqui jogado quase como que uma prece).

Esta dimensão religiosa é também evocada pela realização plástica do cenário, em que num palco parcamente iluminado três lâmpadas, dispostas num triângulo invertido, parecem sinalizar Céu, Inferno e Purgatório, sendo que o vértice inferior marcaria esta última dimensão e, simultaneamente, será o espaço onde o mendigo se apresenta. Contudo, tal configuração não é impositiva e, pela singeleza do cenário, outras leituras se prefiguram: luzes de uma cidade na noite ou, mais de acordo com o tom geral do espectáculo, as luzes do artifício teatral, transformando assim o local da espera no próprio palco teatral.

Deste modo, no início do espectáculo, de mãos nos bolsos, a figura maltrapilha aparece no centro do palco – posição que raramente abandonará – desgrenhada e andrajosa, com um sobretudo gasto e as calças coçadas

presas por um cordel, evocando os trágicos vagabundos de Beckett, e afirma: “Em breve estarei morto”. Deste modo, assistimos em *Começar a acabar* ao discurso de um actor que anuncia a morte da sua personagem. Contudo, e como “morrer é uma coisa tão demorada...”, este último fôlego perde-se nas diversas micro-narrativas que não funcionam mais do que como meio para adiar o inevitável (lembramo-nos de *As mil e uma noites...*), despedindo-se do público com um inquietante: “Bom, aqui estamos nós. Aqui estou eu. Já chega” – e sai.

A música de Jorge Palma contribuiu também para dotar a interpretação de Lagarto de uma tonalidade ora errática, ecoando os solitários cantares de um Alentejo distante (não será à toa que a primeira canção do espectáculo, musicada por Jorge Palma, aparecerá no próximo álbum do músico, acompanhado por Vitorino e Janita Salomé...); ora disfórica e carnavalesca, evocando a vertigem beckettiana: a fanfarra descontrolada da última canção arrasta Lagarto para um registo mais gutural.

Começar a acabar revelou-se assim um apurado exercício de leitura da obra beckettiana e evidenciou uma fraterna cumplicidade com o autor. A excepcional interpretação de João Lagarto colocou-o também na senda da “congruência com a imaginação do grande poeta”, configurando-se também Lagarto como um exemplar intérprete de Beckett. Por tudo isto, e por tudo aquilo que teimará em permanecer no domínio do inominável, mereceu João Lagarto a justa distinção que a APCT lhe prestou.

Referências bibliográficas

- ACKERLEY, C.J. / GONTARSKY, S.E. (2004), *The Grove Companion to Samuel Beckett*, New York, Grove Press.
- BAIR, Deirdre (1990), *Samuel Beckett: A Biography* [1978], New York, Summit Books.
- CRONIN, Anthony (1997), *The Last Modernist*, London, Flamingo.
- ESSLIN, Martin (1968), *Theatre of the Absurd*, London, Penguin & Eyre and Spottiswoode.
- KNOWLSON, James (1996), *Damned to Fame: The Life of Samuel Beckett*, New York, Simon & Schuster.
- PILLING, John (2006), *A Samuel Beckett Chronology*, Houndmills and New York, Palgrave Macmillan.

<

Começar a acabar,
de Samuel Beckett,
enc. João Lagarto,
ACE – Teatro do Bolhão/
TNDMII/ Os Crónicos,
2007 (João Lagarto),
fot. TNDMII / Margarida
Dias.

³ Música de Jorge Palma para o poema de Samuel Beckett “My way is in the sand flowing...”.